

Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des) civilizador

Women and Sport: civilizing or (un) civilizing process

Hugo Lovisolo | lovisolo@globo.com

Pesquisador do CNPq e professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da UERJ é graduado em Sociologia - Universidad de Buenos Aires, mestrado e doutorado em Antropologia Social pela UFRJ e pós-doutorado em Ciências dos Esportes pela Universidade do Porto (1996) e em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires (2009).

Resumo

O autor parte dos conceitos de Elias sobre o processo civilizador e os que se referem ao modo de se estabelecer configurações de valores ou padrões entre diferentes esferas do social. A continuação focaliza-se o processo de inclusão da mulher em diferentes esferas em direta competição com os homens. O valor da não segregação aparece dominando esses campos. O campo esportivo foi durante bastante tempo, como a guerra, um lugar de não inclusão do feminino. Na atualidade, embora a participação feminina possa ser igualitária à dos homens, continua a segregação por gêneros na prática. O autor levanta duas questões: a) poderia se considerar a resistência à inclusão feminina tendo como um componente a representação de que isso significaria descivilização e b) como explicar a partir do horizonte epistemológico feminista (desconstrutivista, antinaturalista, inclusivista e anti-segregacionista) o silêncio sobre a segregação entre homens e mulheres existente no esporte? O autor propõe trabalhar a vinculação entre os dois processos (resistência à inclusão e manutenção da segregação) como podendo ser entendidos a partir da visão descivilizatória do esporte para o gênero feminino.

Palavras-chave: Processo Civilizador; Feminismo; Segregação no Esporte.

Abstract

The point of departure of this article is Elias's concepts on the civilizing process and the ones that refer to the way of establishing value or patterns configurations among different spheres of the social universe. After that, the article focuses on the process of woman's inclusion in different fields in direct competition with men. The value of non segregation is predominant in these fields. The sports field was for many times, like war, a place of no female inclusion. Nowadays, in spite of the fact that female participation may be equal to the men, the segregation for genders continues. The author raises two questions: a) could we consider the resistant to include female as meaning de-civilizing and b) how to explain from the feminist epistemological horizon (unconstrutivistic, antinaturalist, inclusivistic and anti segregationist) the silence about the existing segregation between men and women in sport? The author proposes to work out the relation between the two processes (resistance to inclusion and maintenance of segregation) as if they can be understood from the de-civilization vision of sport for female gender.

Keywords: Civilizing process; Feminism; Sport Segregation.

Introdução

Procurarei nesta apresentação expandir algumas hipóteses e conceitos, de inspiração eliasiana para os temas de gênero, da igualdade e inclusão da mulher nos esportes. Embora meus argumentos estejam guiados por certa universalidade, as evidências nas quais me apoio serão fundamentalmente do campo do esporte. Meu problema pode assim ser formulado: se as mulheres conseguiram quebrar com a segregação de gênero em esferas importantes como as do mercado, da educação, da política e da cultura, como explicar sua permanência no campo esportivo? Procurarei dar uma resposta a partir de uma interpretação simples, espero que não seja simplista, das contribuições de Elias.

Norbert Elias e o processo civilizador

Uma das idéias mais recorrente e aceitas de Elias é a da existência na história de Ocidente de um processo civilizador, como foi desenvolvido na sua obra de 1939 e aprimorado em trabalhos posteriores. Esse processo estaria caracterizado por: a) uma redução no limiar de aceitação da violência física, que poderia ou deveria incidir na redução dos atos de violência (habitualmente indicados mediante taxas classificadas penalmente) e b) por um crescente autocontrole dos impulsos vinculados a necessidades básicas, centralmente na capacidade de pospor a urgência de suas exigências ou a satisfação imediata de suas demandas. Assim, por um novo equilíbrio entre coerção externa e autocorção e, sob o ponto de vista temporal, entre o imediatismo e o “mediatismo”, enquanto padrões orientadores da ação no processo geral de centralização do poder no Estado e de aumento da abrangência e entrelaçamento da interdependência social.

As evidências que abonam uma ou outra dimensão do processo civilizador tanto podem ser procuradas nos textos que civilizam quanto em situações práticas, mudança dos costumes, que refletem a redução do limiar e o crescimento do autocontrole. Contudo, diversos autores têm procurado indicadores que seriam contrários às teses de Elias ou que, pelo menos, criariam dúvidas em relação à firmeza das tendências por ele afirmadas. Alguns tentaram conciliar “teses” e “falsificações” aludindo a um tipo de processo que, embora não linear, se imporia no longo prazo. Assim, as “falsificações” seriam recuos que, no entanto, não eliminariam a direcionalidade do processo civilizador. Digamos que a clássica discussão sobre a Revolução Francesa, produto da depressão ou do crescimento, pode ser fundida no entendimento da junção entre o crescimento de longo prazo e uma depressão no curto.

A idéia de um processo civilizador, com menos violência, maior autocontrole e que empurra no tempo os objetivos da ação, é antiga. Para dar um exemplo, em texto escrito antes da publicação da obra de Elias, Jorge Luis Borges se referia à civilização dos bárbaros cavaleiros das estepes quando substituíram a destruição das cidades e as mortes de seus habitantes pela cobrança de impostos. A ação civilizatória e pacificadora do comércio foi louvada muito antes de Elias escrever sua obra. Entre os iluministas surgiram densos argumentos morais a favor do comércio. Digamos que pensar em termos de

costumes decentes foi uma das formas nativas em se pensar e gestar o processo civilizador. Ao invés de cruzar a espada ou o punhal pode se realizar uma luta de boxe com regras e, finalmente, ao invés da luta real e da mimética contratar um bom advogado. Ao invés de sermos felizes aqui e agora poderemos empurrar a felicidade para o futuro criando, no presente, suas condições. A esperança civilizatória dos conservacionistas reside em acreditar que podemos renunciar a vantagens do presente para garantir o futuro.

Sob o ponto de vista dos argumentos retóricos sobre as esperanças e propostas morais, gostaria que entendêssemos a teoria de Elias como um refinamento teórico e empírico daquilo que circulava nas consciências do público e dos formadores de opinião fazia já bastante tempo, claramente a partir do século XVIII e, especialmente pelo seu impacto, na obra de Adams Smith. O entendimento da teoria social como refinamento não implica nenhum tipo de minimização ou descrédito de seu labor como historiador e cientista social. De fato, creio que a maioria das teorias sociais se podem entender como refinamento de reflexões e argumentos, sobretudo morais, que circulam nas marchas e contramarchas do sentido comum, do bom sentido comum. A obra de Elias, para mim, é um valioso exemplo de refinamento teórico.

A circularidade das influências, entre as afirmações nativas e as dos eruditos, retomada argutamente por Bakhtin, creio que hoje se tornou um princípio ativo e consensual no entendimento do social. Antes de Bakhtin, Borges entendeu que a literatura gauchesca argentina era produto, não da criação dos gaúchos, mas do trabalho de intelectuais sobre ela. Talvez a ciência social seja apenas isso: um refinamento metodologicamente controlado de opiniões sociais, como Rorty explicitou. Assim, ao invés de fundamentar os conhecimentos científicos do social na ruptura, o faríamos a partir do refinamento de continuidades com a moral e o sentido comum. O rigor no tratamento deve ocupar, então, o lugar da ruptura revolucionária tão proclamada, com fundamento nas elaborações de Gaston Bachelard, feitas a partir da física, porém, com grande êxito no campo das ciências sociais e humanas e, sobretudo, no marxismo estruturalista francês cujo ícone foi Althusser com suas teorias sobre os aparelhos do Estado.

Esferas e transversalidade

Uma segunda idéia de Elias que considero importante é a que denomino de visão transversal. As ciências sociais nos acostumaram, a partir da divisão disciplinar, a observar o social como se fossem esferas, instâncias ou práticas separadas. Por vezes, o estudo de uma esfera, a econômica ou a política, por exemplo, parece que pode ser feito sem a recorrência a aquilo que ocorre nas outras ou, simplesmente, considerando-as enquanto contexto daquela esfera que focamos. Creio que Elias nos acostumou a pensar uma visão transversal procurando a correspondência de padrões ou valores que vigorariam em várias esferas, tanto na procura de concomitâncias quanto de temporalidades e modos específicos. Os que estudam esportes destacam sua análise da correspondência de valores ou padrões entre a esfera política e a esportiva na Inglaterra,

no surgimento do esporte moderno. Na esfera política, os inimigos que deviam ser destruídos se tornam adversários e a aceitação do rodízio no poder vira regra do funcionamento democrático. Na esfera do esporte alguma coisa semelhante ocorre, trata-se de lidar e ganhar dos adversários aceitando o rodízio no pódio. De fato, esta análise geral da luta ou guerra domesticada, civilizada ou “organizada” teria como horizonte comparativo de referência a própria guerra. A competição regrada na esfera econômica, política, esportiva e cultural substituiria o uso da violência que, na clássica análise weberiana, passará a ter apenas por ator legítimo o Estado. Os que adotam a teoria de Elias e suas categorias textualmente poderão usar a linguagem das figurações e configurações. Contudo, os processos não são lineares e podem exigir exercícios conceituais finos para entendermos os “barulhos” que provoca a interdependência crescente.

De modo geral, os inimigos se tornam adversários ou competidores e a “festa das espadas” será substituída por jogos emocionantes, porém, regrados e que eliminam ou reduzem a destruição de pessoas e poses. As lutas, pelos objetos valiosos de cada campo, serão civilizadas ou “organizadas” por padrões ou valores semelhantes que os atravessam. A guerra real, a emocionante “festa das espadas”, cederá seu lugar para as emoções miméticas. Observemos, novamente, que o comércio foi visto, por vários autores, como força pacificadora ou civilizadora. Os comerciantes não poderiam comerciar no meio da violência da guerra, analogia ou forma semelhante da suspensão da guerra entre os gregos para a realização de suas olimpíadas.

Sem a idéia da transversalidade de padrões ou valores seria difícil, mesmo impossível, entender o processo civilizador como processo geral do Ocidente. Processo que ocorre no tempo e que pode ter ritmo próprio em cada esfera.

Mulheres, inclusão geral e segregação no esporte

Creio que agora posso entrar em meu problema. Parece-me que pelo menos faz três séculos a mulher foi posta na representação como a parte menos violenta, mais civilizada ou “organizada” da sociedade. Foram construídos argumentos, não raro baseados em afirmações supostamente científicas sobre as diferenças naturais, pelos quais os valores dos guerreiros e da guerra pertenciam aos homens, eram de sua natureza. Os lugares protegidos, como o lar, eram prioritariamente para e das mulheres. Homens em bando caçando, mulheres em grupo nos acampamentos colhendo frutos da natureza e da sociabilidade. Os militares homens não desejavam partilhar suas habilidades guerreiras nem com os civis homens nem com as mulheres.

Devemos ressaltar que a descrição científica de uma natureza não é automaticamente valor a ser procurado na formação. Dawkins, por exemplo, postula que por estarmos comandados naturalmente pelo “gene egoísta” devemos educar no valor do altruísmo (que até pode ser negativo para o indivíduo, porém positivo para a população). Assim, a descrição da natureza humana pode nos levar tanto a práticas que tentam seu desenvolvimento quanto àquelas que lhe são contrárias, quando as características da natureza não podem se tornar valor nem moralidade de funcionamento do social. Em outras palavras,

podemos escolher seguir os determinantes naturais ou ir contra eles em direções mais civilizadas.

Uma história que considero imaginativa é a que monta um cenário, que teria dominado durante milhares de anos, onde os homens eram caçadores e guerreiros e as mulheres nos acampamentos colhiam alimentos, criavam os filhos e eram ativas no falatório que se tornaria gritaria nas situações de perigo. Os caçadores deviam ser silenciosos, rápidos, eficientes no ataque, furtivos e assertivos. Vejam, por exemplo, o filme *O último dos moicanos*. A coragem e a violência na destruição dos inimigos foram e continuaram a ser, embora em trajetória declinante, valores admirados na formação dos homens. As mulheres até hoje nos superariam na capacidade de usar a linguagem e de expressar com elas suas emoções (talvez resultado do exercício do parloteio, do apego a pessoas e coisas e da gestualidade afetuosa). Rousseau foi duramente criticado por estabelecer diferenças na educação de homens e mulheres. *O Emílio* e *A Heloísa* são os testemunhos das diferenças. Um exemplo mais recente seria a visão da mulher como doce mãezinha que os autores da educação física da primeira metade do século XIX utilizavam para alijar as mulheres dos esportes de contato físico mais ou menos forte ou violento, como as lutas, o futebol e o rúgbi, para mencionar apenas alguns dos mais citados. No Brasil, sempre é lembrada a proibição legal, derogada faz algumas décadas atrás, para as mulheres participarem desse tipo de esportes.

Parece-me bastante claro que nos autores da educação física partilhava-se a idéia de que os esportes de contato, incluído as lutas, podiam funcionar como civilizadores e formadores do caráter dos homens. A prática das lutas regradas, a mimese da guerra, seria civilizadora para os homens, formados em séculos de tradições de guerreiros e caçadores, amantes da festa das espadas, e fortemente potenciados e excitados pela carne, álcool, drogas, morte e sangue. O paroxismo da guerra podia ser civilizado pelo esporte que, não por acaso, pune a utilização de drogas que o potenciam e excitam. O fair play, sob a perspectiva civilizadora, aparece, sobretudo, como aquilo que diferencia e separa da conduta na guerra. Colocar a bola fora do campo quando um adversário não se levanta é um gesto metonímico e icônico do fair play no futebol. Creio que, em relação às mulheres, a prática desses esportes era considerada como uma espécie de retrocesso: processos (des) civilizadores e corrosivos das doces virtudes do caráter feminino, associadas ao carinho, aos cuidados, à fala e a essa imagem tão valorizada: a de mãe. As mulheres igualitaristas, no entanto, podiam interpretar tal gesto como exclusão, como desigualdade. O feminismo podia lutar contra essas proteções ou proibições.

Estamos no terreno das construções sociais. Os e as desconstrutivistas diriam que os homens imaginaram a natureza feminina como eles a desejavam e não como ela seria de fato ou significaram aspectos naturais enquanto orientações sociais. Melhor dizendo, um construtivista conseqüente diria que tal natureza não existe, portanto, qualquer afirmação sobre ela é mera construção que pode ter por fundamento apenas a vontade de poder sobre as mulheres. Observo, apenas de passagem, que os e as construtivistas parecem ter uma

forte associação com os funcionalistas: as construções dos homens são funcionais para a ordem patriarcal e o domínio sobre as mulheres. Em contrapartida, se poderia argumentar que o paternalismo masculino outorgou vantagens às mulheres entendidas como forma de proteção em campos variados como aposentadorias, licenças especiais nos dias de menstruação e de parto e a não participação do serviço militar obrigatório, dentre outras. Em outras palavras, o paternalismo parece estar obrigado ou se obrigar a negociar a manutenção do poder (hipótese do poder) ou apenas outorgar vantagens a partir de suas narrativas ou representações sobre a natureza feminina (hipótese da proteção).

A proteção da mulher implica o reconhecimento de ambigüidades no paternalismo protetor ou, pelo menos, uma funcionalidade mais complexa ou mediada. Algumas medidas, por exemplo, podem ser entendidas como proteção da prole mediante benefícios concedidos às mulheres. Assim, as relações entre o domínio/poder, a proteção e a outorga de vantagens para as mulheres merecem ser mais e melhor trabalhada. Este tema complexo mereceria tratamentos mais refinados não sendo esta a oportunidade para os mesmos.

O feminismo tem uma estreita relação com a crítica construtivista. No campo dos esportes, as feministas defenderam o direito a participar de qualquer modalidade esportiva e assim afirmaram a negação das diferenças naturais como significativas. Não renegaram nem as artes marciais nem o boxe e assim tivemos um filme tão excepcional como *Menina de ouro*. Em minha última viagem a Buenos Aires fiquei assombrado olhando para cartazes de lutas de boxe cujos protagonistas eram mulheres e, o local, o velho e machista Luna Park. Também fiquei pasmo por serem os preços dos ingressos semelhantes aos que vigoram nas lutas masculinas.

Posso agora colocar meu paradoxo. Quando pensamos o esporte a partir do gênero parece que há evidências consideráveis que levam a pensar que as modalidades esportivas, mesmo as de contato e com graus relativos de violências, foram crescentemente vistas como civilizadoras no caso dos homens. No caso das mulheres, muitos desses esportes foram vistos como contrários à natureza feminina e, mais ainda, como masculinizantes e como fatores que podiam ajudar a desenvolver a violência entre as mulheres. Assim, os esportes teriam para os homens, pelo seu poder mimético, a capacidade de torná-los mais civilizados. No caso das mulheres poderia agir na direção contrária da flecha civilizatória.

Observo que a inclusão das mulheres no mercado de trabalho, na política, na educação e em outras esferas foi realizada de forma competitiva com os homens, ou seja, de forma não segregada. As mulheres disputaram com os homens, lado a lado e de forma crescente, os postos de trabalho, os concursos públicos e privados, os vestibulares universitários, as vagas no exército e na polícia e passaram a agir juntamente com os homens. Abandonamos com bastante rapidez o ensino e o trabalho que separava ou segregava por gênero. Claramente, a não separação na concorrência e no desempenho se tornou regra e tendência. As feministas apresentam tal processo como resultado de suas prédicas, reivindicações e organização para a ação. Na descrição de Marx do

trabalho na Inglaterra nos albores do capitalismo a exploração de mulheres e crianças era regra. Deste tipo de observação pode ser deduzido que os entraves para sua participação no mercado de trabalho resultava de argumentos morais apoiados no valor de sua presença para a saúde da família. Se tomarmos este tipo de indícios se poderia apontar que a funcionalidade de sua integração ao mercado de trabalho, sobretudo a partir da incorporação forçada na esfera da produção pelas guerras do século XX, talvez teve um peso considerável e se viu facilitada pelas reivindicações feministas de igualdade e inclusão. Se as guerras reduziram o exército de reserva de trabalhadores masculinos, que teria a função de reduzir os salários, a inclusão das mulheres pode ter agido como reconstituição. Talvez como resultado dessa incorporação, no campo das ciências sociais, vinte anos após a Segunda Guerra, surge o conceito de “população excedente” com o intuito de corrigir os sentidos do “exército industrial de reserva”.

A não separação ou não segregação poderia ser entendida como um padrão ou valor, no sentido de Elias, que regula a interação entre homens e mulheres em esferas diferentes de modo igualitário e que exige novos equilíbrios entre a coerção externa e a autocoerção. Neste processo, as características distintas dos gêneros (naturais ou socialmente construídas) pareceriam perder importância. Sua recorrência passará a ter um caráter excepcional. Denomino a este processo de desaparecimento ou apagamento de “não segregação de gênero”, em clara analogia com o processo de declínio da “não segregação racial”. Lembro que a temática central de Freire não é sobre os preconceitos raciais, que para ele existem, mas o baixo grau de segregação racial que teria existido no Brasil em comparação com a segregação americana. Apenas sob o pano de fundo da não segregação racial fazem sentido as afirmações, recorrentes no Brasil, sobre o possível caráter negativo do regime de quotas, ação afirmativa, que favoreceria a negros e mulatos.

Aponto um evento que me parece bom para pensar no campo da não segregação de gênero. Hoje temos comandantes da Polícia Militar que são mulheres. Creio que temos que interpretar que foram abandonadas características masculinas, base da segregação anterior, que se identificavam com a função policial ou militar, e que outras se tornaram dominantes como, por exemplo, o conhecimento e o desempenho profissional.

As portas do esporte, apesar das vozes contrárias, se abriram de forma crescente ao longo do século XX. Já no século XIX vozes prestigiosas, como a de Spencer, proclamavam pela participação da mulher no esporte. Eventos esportivos importantes, o torneio de Wimbledon, por exemplo, cinco anos após sua criação abriu a participação para as mulheres. Processo semelhante ocorreu com as Olimpíadas e no final do século XX a participação das mulheres seria equivalente à dos homens. Independentemente do julgamento sobre a velocidade da abertura para a participação feminina, difícil de ser feita com equanimidade, o certo é que o campo do esporte, apesar da inclusão das mulheres, permaneceu dominado pela segregação. Em outros termos, em todos os esportes as mulheres competiam e competem com mulheres e os homens com homens. A competição não se tornou “lado a lado” nem “juntamente”. Mais

ainda, não existem movimentos feministas que lutem ativamente pela eliminação da segregação. O tênis é um dos poucos esportes que incorporou o jogo lado a lado, sob a forma da dupla mista, embora o jogo de dupla (homogênea ou mista) seja menos importante que o individual. Contudo, tal exemplo não se estendeu de forma significativa para outros esportes. Todavia, foi no campo do tênis onde se estabeleceram, nas últimas décadas, o mesmo valor dos prêmios para ambos os gêneros (igualdade/inclusão). Contudo, os torneios *top* mantiveram a diferença na regra do melhor em cinco *sets* para os homens e da melhor em três para as mulheres (desigualdade a favor das mulheres?). Sob um ponto igualitarista simples podemos afirmar que o tênis desigualou a favor das mulheres: pagou igual por menos esforço! Poderíamos interpretar esta desigualdade como mais uma ambigüidade do paternalismo protetor? Ou deveríamos re-introduzir os argumentos biológicos e explicar tanto essa desigualdade como a segregação como resultante das narrativas sobre a superioridade natural e física dos homens que agüentariam jogos mais longos e duros? Quais são os argumentos feministas para manter a segregação no esporte?

Se tomarmos os desempenhos nas competições olímpicas seria fácil demonstrar que os homens são mais fortes, mais rápidos e se elevam mais que as mulheres. Apenas um dado: a diferença de tempo nas maratonas está por volta dos 30 minutos a favor dos homens, ou seja, eles percorrem o trajeto demorando por volta de 25% a menos de tempo. O leitor pode entrar na página do COI e conferir os tempos em natação e atletismo para observar a magnitude das diferenças nos desempenhos.

Pareceria que nas últimas décadas houve aberturas e retrações ao espetáculo televisivo do esporte feminino. A televisão brasileira deixou de transmitir eventos esportivos femininos como o tênis, por exemplo, e não aumentou a presença do futebol. Contudo, parece manter ativa a participação mediática do vôlei feminino. Como explicar estas correntes encontradas? Uma hipótese seria supor que se mantiveram os esportes femininos que despertam interesse geral, como o vôlei. De fato, as declarações dos aficionados mencionam o tipo de jogo das mulheres, com mais ralis e menos cortadas, como diferencial positivo. Poderíamos pesquisar a hipótese geral que a manutenção mediática deriva do desempenho em seus efeitos sobre as apreciações dos aficionados? Acredito, pessoalmente, que é bem possível que isso esteja ocorrendo, embora não contemos com evidências que permitam suportar e refinar a hipótese.

Contudo, não poderíamos deixar de lado o argumento de que é a própria segregação a que produz essas diferenças. Poderíamos formular a hipótese contra factual de que se homens por várias razões, entre elas a entrada anterior nos esportes, formularam níveis de exigências de desempenho superiores aos que são postos pelas mulheres. Em outros termos, como no mercado de trabalho ou no educacional, se não existisse segregação e as exigências fossem universais, para homens e mulheres, elas teriam gradativamente alcançado os padrões exigidos. Se não aceitarmos alguma hipótese semelhante, ou seja, a que enfatiza o processo histórico, teremos que reconhecer a superioridade estrutural (biológica e psicológica?) dos homens no campo esportivo e que, sem

segregação, declinaria a participação das mulheres no esporte competitivo e mesmo no amador. Imaginem um jogo entre a seleção masculina e feminina de futebol. E que passaria com uma seleção mista?

A escola pode nos dar algumas indicações para a última questão. O que denominamos co-educação ou não segregação domina o panorama escolar faz algumas décadas. A co-educação nas aulas de educação física significa que a escola opera com autonomia em relação à sociedade, pois, nesta, a segregação nos esportes é dominante. Alunos atuais das escolas não sabem que “antigamente” existiam escolas para meninos e escolas para meninas. Alguns ouviram falar do assunto a seus pais. Contudo, nas pesquisas com alunas de educação física, a partir dos onze ou doze anos, o argumento mais repetido, que justifica a recusa a participar das aulas juntamente com os homens, é de que eles são “muito violentos”. A violência dos homens nem sempre significa o jogo mal-intencionado ou duro, faltoso ou desleal, por vezes, apenas aponta para aquilo que os homens denominam raça, entusiasmo, vontade de participação ou simplesmente entrar no jogo com vontade. O resultado é sempre o da preferência quase universal, salvo algumas exceções, para a prática segregada. Existem professores de educação física que partilham do valor da segregação. A segregação baseada em diferenças parece continuar.

Resumirei agora minha narrativa para responder à questão da segregação. Diria que a proteção, a desigualdade em favor das mulheres e a segregação merecem uma explicação única. Retomo a idéia de que acreditamos que o esporte civiliza os homens mediante a substituição mimética regrada do referente da guerra, do que denominei metaforicamente como a “festa das espadas”. O poder civilizador do esporte se carregaria com outros significados no caso das mulheres: se converteria em um criador de oportunidades para a emergência de níveis de violência superiores àqueles que dominaram durante séculos na representação das mulheres. Neste sentido, a segregação se tornaria protetora diante da ameaça que a prática do esporte, orientada pelas exigências masculinas, implicaria para a civilização das mulheres. A segregação teria por intenção freiar o processo (des) civilizador que o esporte significaria para as mulheres.

Se esta conclusão possui algum grau de verdade ela nos leva a colocar aquilo que está nas entrelinhas ao longo do texto: quais as razões para que as mulheres pareçam estar satisfeitas com a segregação no esporte? Estaríamos diante de uma aceitação que vai teórica ou ideologicamente contra o construtivismo, o relativismo e o anti-naturalismo, presentes na maioria dos discursos que se identificam como feministas? Enfim, estaríamos diante de uma configuração tensa ou contraditória que poderia ser pensada com os elementos refinados por Norbert Elias?

Referências bibliográficas

ELIAS, N. *O processo civilizador—uma história dos costumes*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990 (1939)

_____. *O processo civilizador*, V. II, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993 (1939).

_____. *Deporte y ocio en el proceso civilizador*, México: FCE, 1992 (1986)

_____. *Introdução à sociologia*, Lisboa: Ed. 70, 1980 (1970).

_____. *Compromiso y distanciamiento*, España: Ed. Península, 1990 (1983).

LOVISOLO H.; SOARES A.J.; BARTHOLO T. L. *Feminismo, mulheres e esportes: questões metodologias*, Porto Alegre: Revista Movimento, vol. 12/3; set/dez/2006.